



AS LIVES DE TERESA CRISTINA NO INSTAGRAM E AS DENSAS CAMADAS DO TORNAR-SE NEGRA¹

Tobias Arruda Queiroz²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Departamento de Comunicação, Mossoró, RN, Brasil.

Resumo: Tomando por base Neusa Santos Souza (2021), Grada Kilomba (2019) e Isildinha Baptista Nogueira (2022), buscamos nesse artigo uma articulação em que possamos visualizar elementos midiáticos forjados a partir das *lives* de Teresa Cristina no Instagram, principalmente, no período mais crítico de isolamento social em decorrência da pandemia da Covid-19. Nosso objetivo é analisar a atuação da cantora carioca em entrevistas audiovisuais, podcasts e em suas *lives* entrelaçando-as a questões como a corporeidade e os processos envolta do “tornar-se negra/o” (SOUZA, 2021) para, a partir daí, inferir reflexões no desenvolvimento da autoimagem midiática e suas questões atravessadas pelo racismo.

Palavras-Chave: Teresa Cristina; Negritude; Instagram.

THE LIVES OF TERESA CRISTINA ON INSTAGRAM AND HER DENSE LAYERS OF BECOME BLACK

Abstract: Based on Neusa Santos Souza (2021), Grada Kilomba (2019), and Isildinha Baptista Nogueira (2022), we seek in this article an articulation in which we can visualize media elements forged from Teresa Cristina's *lives* on Instagram, especially in the most recent period. critical of social isolation as a result of the Covid-19 pandemic. Our objective is to analyze the performance of the singer from Rio de Janeiro in audiovisual interviews, podcasts, and in her *lives*, intertwining them with issues such as corporeity and the processes involved in “becoming black/o” (SOUZA, 2021) to, from there, to infer reflections on the development of media self-image and its issues crossed by racism.

Keywords: Teresa Cristina; Blackness; Instagram

¹ Gostaria de registrar e agradecer as colaborações e críticas da pesquisadora da UFRJ e ativista Etiene Martins, quando participei, a convite de Jeder Janotti e Victor Pires, de uma oficina ministrada na UFRJ em 2021.

² Professor de Jornalismo e do Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Desenvolvimento Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) é líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Sociedade (UERN) e membro do Laboratório de Análise de Música e Audiovisual da UFPE. tobiasqueiroz@uern.br, <https://orcid.org/0000-0001-9311-846X>



LAS “LIVES” DE TERESA CRISTINA EN INSTAGRAM Y SUAS DENSAS CAPAS DE BEBENE BLACK

Resumen: Con base en Neusa Santos Souza (2021), Grada Kilomba (2019) e Isildinha Baptista Nogueira (2022), buscamos en este artículo una articulación en la que podamos visualizar elementos mediáticos forjados a partir de la vida de Teresa Cristina en Instagram, especialmente en el período más reciente Críticas al aislamiento social a raíz de la pandemia del Covid-19. Nuestro objetivo es analizar el desempeño de la cantante carioca en entrevistas audiovisuales, podcasts y en su vida, entrelazándolos con cuestiones como la corporeidad y los procesos involucrados en el “devenir negro/o” (SOUZA, 2021) para , a partir de ahí, inferir reflexiones sobre el desarrollo de la autoimagen mediática y sus problemáticas atravesadas por el racismo.

Palabras-clave: Teresa Cristina; Negrura; Instagram

LES VIES DE TERESA CRISTINA SUR INSTAGRAM ET LES COUCHES DENSES DU DEVENIR NOIR

Résumé: En nous basant sur Neusa Santos Souza (2021), Grada Kilomba (2019) et Isildinha Baptista Nogueira (2022), nous cherchons dans cet article une articulation dans laquelle nous pouvons visualiser des éléments médiatiques forgés à partir de la vie de Teresa Cristina sur Instagram, principalement dans les aspects les plus critiques. isolement social dû à la pandémie de Covid-19. Notre objectif est d'analyser la performance de la chanteuse de Rio dans les interviews audiovisuelles, les podcasts et dans ses vies, en les entremêlant avec des questions telles que la corporéité et les processus de « devenir noir » (SOUZA, 2021) et, à partir de là, d'en déduire des réflexions sur la développement de l'image médiatique de soi et de ses enjeux traversés par le racisme.

Mots-clés: Thérèse Cristina; Noirceur; Instagram

INTRODUÇÃO

Lá pelo idos de 2020, quando participei das discussões no Cátedra do Intercom (GUMES et al., 2020) e apresentei meu primeiro texto sobre Teresa Cristina tinha pensado suas ações no Instagram a partir de uma perspectiva afro-tecnológica. Algo que já era importante para nós, negros/as, ganhou contornos cada vez mais complexos com o desenrolar das atividades da cantora carioca na Internet e nas outras mídias. Para um homem negro e amante de rock, comecei a visualizar naquela oportunidade, dentre vários insights, suas *lives* como uma maneira de burlar – ainda que a cantora não tenha manifestado essa intenção – os algoritmos racistas das redes sociais ao proporcionar encontros ocasionais e/ou provocados de afetos-amorosos no “CrisTinder” – bate-papo



paralelo às *lives* da cantora e paquera dos frequentadoras/es daquele momento no Instagram.[Pesquisas apontam a construção algorítmica com viés racista, além do racismo estrutural a pessoa negra sofre com os aplicativos de relação amorosa. Em decorrência disso foram criados apps e grupos específicos por e para pessoas negras, como o “Afrodengo” (AFRODENGO, 2022, on-line).]

No entanto, o desenrolar e a intimidade com as *lives* de Teresa Cristina também desvelou em mim elementos da negritude, ainda ocultos. Essas camadas foram melhor explicitadas com as performances de Teresa Cristina, bem como, suas entrevistas para redes de televisão e podcasts.

Pois bem, é dessa forma que apresento esse texto. Como uma tentativa de enxergar como o “tornar-se negro/a” é complexo, denso e de um longo percurso. Além de Muniz Sodré (2017), meu principal ponto de partida está no pensamento de teóricas da psicologia, como Neusa Santos Souza (2021), Grada Kilomba (2019) e Isildinha Baptista Nogueira (2022). Porém, longe de tentativas psicologizantes, busco articular os elementos que estão na superfície do olhar aos seus entrelaçamentos midiáticos. Em outras palavras, observar as entrevistas, as corporeidades, as performances e as composições das *lives* de Teresa Cristina, para, a partir daí, inferir reflexões no desenvolvimento da autoimagem midiática e suas questões atravessadas pelo racismo.

Portanto, inicio com as discussões sobre a presença da “negritude nas *lives*”, acionando a “corporeidade” característica da Arkhé, como nos aponta Pensar Nagô de Muniz Sodré (2017), e apresentamos Teresa Cristina em seus primeiros passos na sua primeira *live*. Na sequência, adentramos mais enfaticamente o pensamento de Neusa Santos Souza (2021) e a ideia do “tornar-se negro”.

No terceiro tópico, discutimos outras facetas e mudanças nas desenvolturas de Teresa Cristina nas redes sociais. Trazemos como exemplo uma *live*, nomeada de “Facho de Esperança”, na qual a cantora carioca coloca-se como uma anfitriã hábil no Instagram e, cada vez mais, segura de si.

Concluimos, enfim, propondo uma costura em que a corporeidade e suas representações potencializaram e possibilitaram que a fala de Teresa Cristina – unida à potência ao ser escutada – a levasse a se ver literal e subjetivamente de uma outra forma. Justamente em um movimento no qual tornar-se negra é um devir – um devir atravessado e possível também pela expressão faraimará ou, como nos ensina Muniz Sodré (2017), “todos unidos num só corpo”..



NEGRITUDE NAS LIVES

Pretendo nesse texto pensar os agenciamentos racializados de Teresa Cristina tendo o Instagram e suas *lives* como vetor. Este é exatamente o ponto de partida para buscar analisar parte do emaranhado constituinte do “ecossistema de mídia”, como nos aponta José Van Dijck (2013), e pensar – junto a/de Teresa Cristina – elementos de racialização³.

Um desses elementos constituintes das nossas observações é a corporeidade envolvida em suas *lives*. Além do corpo negro e individualizado de Teresa Cristina, protagonista das suas ações midiáticas, visualizo também o seu entorno de convidadas/os, principalmente, no Instagram. Ou seja, ultrapassamos aqui a ideia de restrição à visualização da carne e do corpo de Teresa Cristina e focamos nas representações, logo, nas corporeidades acionadas pela cantora carioca. Para o entendimento de “corporeidade”, vemos como, em “Pensar Nagô”,

Esta não se refere à substância da carne humana como uma entidade pessoal e interiorizada, mas como uma “máquina” de conexão das intensidades num plano imanente ao grupo. Num sujeito coletivo, como é o caso do grupo, corporeidade é a coleção dos atributos de potência e ação, diferente dos atributos individuais, do mesmo modo que um grupo é diferente de seus membros constitutivos. Claro, o grupo pertence ao indivíduo tanto quanto este pertence ao grupo, mas em ação e pensamento, o grupo – pleno de movimentos contidos ou reprimidos – tem mais potência, o que significa pensar coletiva e anonimamente, algo que se poderia designar como pensamento-corpo (SODRÉ, 2017, p. 106)

Consequentemente a nossa intenção de pensar a corporeidade aqui cria uma ponte com aquela do pensamento dos terreiros, apontados por Muniz Sodré (2017). Ao nos referirmos à união, embora virtual, de convidadas/os de Teresa Cristina⁴ através de uma rede social, podemos acionar pelo pensamento nagô a Arkhé. Assim, recordando dos

³ Para José Van Dijck, “Todas as plataformas combinadas constituem o que eu chamo de ecossistema de mídias de conectividade – um sistema que alimenta e, por sua vez, é alimentado por normas sociais e culturais que se expandem simultaneamente em nosso mundo cotidiano. Cada microsistema é sensível a mudanças em outras plataformas do ecossistema: se o Facebook altera suas configurações de interface, o Google reage alterando seus ajustes de plataformas, se a participação na Wikipédia diminuir, os recursos algorítmicos do Google podem fazer maravilhas” (VAN DIJCK, 2013, p. 21, tradução nossa).

⁴ Cantora nascida na cidade do Rio de Janeiro, reconhecida midiaticamente como uma artista do samba. Porém, sua versatilidade expande rotulações. No Instagram, ela conversa com convidadas/os e continua a fazer performances musicais à capela de vários gêneros musicais. Para conhecer mais sugiro o seu perfil na rede social (TERESA CRISTINA, [202-], on-line).



momentos de catarse vivenciados nas *lives*, a Arkhé “é sentida como irradiação de uma corporeidade ativa, da qual provém a potência (axé) com seus modos de comunhão e diferenciação” (SODRÉ, 2017, p. 83).

Como exemplo da importância da corporeidade para as análises da música entrelaçada com seus “ecossistemas midiáticos”, gosto de citar as *lives* da cantora brasileira Teresa Cristina. No decorrer de meses de *lives* diárias no Instagram, nota-se a mudança de postura da cantora quanto à expansividade de suas expressões diante e a partir de seu próprio corpo negro e do ver-se enquanto mulher negra, quer nas redes sociais quer na tela do próprio Instagram ao conversar com o seu público todas as noites, diariamente, desde o início da pandemia.

Em outras palavras, ao se ver e cantar, ela acabou por desprender-se e começou a questionar-se, repensar-se, por exemplo, quando declara: “não sou fechada nem tímida. Este lugar foi o racismo que me colocou”⁵. Há um outro importante elemento constituinte dessa corporeidade para elevar esse axé. Enquanto pessoa negra, buscamos falar e ser ouvidos. Para Grada Kilomba (2019, p. 28), se opor ao racismo não é o suficiente. Precisamos realizar um duplo desejo: se opor àquele lugar outrora a nós destinados como “Outridade” e o de inventar a nós mesmos de (modo) novo. Isso necessita ser posto para, enfim, atribuir outros modos de habitar o mundo sendo “negra/o”. Questionamento para o qual Isildinha Nogueira (2021) pontua que

O “ser negro” corresponde a uma categoria incluída num código social que se expressa dentro de um campo etnossemântico em que o significante “cor negra” encerra vários significados. O signo “negro” remete não só a posições sociais inferiores, mas também a características biológicas supostamente aquém do valor das propriedades biológicas atribuídas aos brancos (NOGUEIRA, 2021, p. 119-120)

Além de acionar sensações de aconchego em seu público, majoritariamente negro e identificado com pautas progressistas, a “escuta conexa” visualizada na corporeidade de Teresa Cristina amplificou o seu próprio olhar, ao potencializar um “tornar-se negra” (Souza, 2021) também nas redes sociais.⁶ Em entrevista ao *Roda Viva*,

⁵ Para mais detalhes, é possível visualizar a entrevista da cantora no programa Roda Viva da TV Cultura (RODA VIVA..., 2021, on-line).

⁶ Em texto anterior sobre as *lives* de Teresa Cristina, no qual este aqui publicado é sua versão atualizada e ampliada, descrevemos melhor o conceito de escuta conexa. Resumidamente, buscamos observar, ao mesmo tempo, os aspectos estéticos, socioculturais e tecnológicos da



Teresa Cristina deixa explícito o quanto o racismo, vivenciado por ela ainda na sala de aula quando criança, atuou de forma decisiva e eficiente no controle de corpos, incluindo o dela mesma.⁷⁸ Algo que se deu podendo-a, borrando as fronteiras do que seria timidez e do que seria fruto de uma visão externa opressiva que a fez e faz sofrer com o racismo. Cabe ressaltar essa vinculação, já que a “ideologia de cor” do racismo é também uma “ideologia de corpo”, inculcando-nos de posturas e atitudes negativas quanto ao nosso próprio corpo.

Para ilustrar essa perspectiva, recorro a dois momentos ímpares na desenvoltura de Teresa Cristina perante as redes sociais. A primeira, descrita logo em seguida, refere-se a sua primeira *live*, ao lado de sua mãe, Dona Hilda. A segunda, que irei abordar no último tópico, “Não sou tímida”, foi um momento icônico, em que a já intitulada “rainha das *lives*” expressou extrema habilidade em dialogar com mais três pessoas simultaneamente no Instagram, quando essa rede social passou a permitir a visualização de quatro telas durante as *lives*.⁹¹⁰ Ao relatar o início das *lives* durante a pandemia, a cantora explicou, numa entrevista ao podcast Novo Normal, que suas *lives* começaram como modo de proporcionar um certo aconchego a sua mãe durante o tempo de pandemia.¹¹ Como Dona Hilda, mãe de Teresa Cristina, sempre teve o desejo de ser cantora, surgiu a ideia de escolher algumas músicas e, desta forma, ela começou a se apresentar à capela em dupla com a mãe em seu canal no YouTube, ou seja, só com a força de suas vozes, sem acompanhamento de outros instrumentos musicais. A música escolhida para abrir as *lives* foi a canção Jovens Tardes de Domingo de Roberto Carlos, que a inspirou para nomear as apresentações semanais no YouTube como “Jovens *lives*

escuta em tempos de ambientações de mídias de conectividade. Vale salientar também que no segundo semestre de 2023 houve a publicação do livro escrito a seis mãos sobre a “Escuta Conexa”.

⁷ *Roda Viva* é o programa de entrevistas mais antigo da televisão brasileira, no ar continuamente desde 1986 na TV Cultura, integrante da Rede Cultura, uma rede de televisão pública.

⁸ Relato presente na entrevista ao *Roda Viva* da TV Cultura.

⁹ Em uma busca na internet, localizei que uma das primeiras menções ao título de “Rainha das *lives*” surgiu na *Folha de S. Paulo*, em 31 de julho de 2020, ao celebrar 120 dias consecutivos de *lives* da cantora carioca (MENA, 2020, on-line).

¹⁰ A nova possibilidade foi lançada no dia 1º de março de 2021, de modo que, além da pessoa criadora da transmissão, poderiam ser incluídas mais três pessoas (G1, 2021, on-line).

¹¹ O podcast *Novo Normal* é um original Spotify, com o Agora É Que São Elas. Semanalmente, mulheres de diferentes pontos do espectro político conversam sobre inúmeros temas, sejam nacionais ou não (A QUARENTENA..., 2020, on-line).

de Domingo”.¹² Ao contrário das apresentações profissionais que começavam a inundar o YouTube, Teresa Cristina e Dona Hilda aparecem em uma produção caseira, sentadas diante da câmera do computador, enquanto Teresa Cristina busca se aclimatar à plataforma naquele domingo de Páscoa de 2020, ajustando o foco, a luz – sem nenhum equipamento adicional para homogeneizar os tons e eliminar as sombras na tela – e angulação, em uma transmissão tipicamente artesanal.

Figura 1 – Primeira *live* realizada por Teresa Cristina



Fonte: YouTube (*Live Teresa...* (2020, on-line).

No *frame* acima, a cantora busca ajustar e, ao mesmo tempo, conhecer melhor a ferramenta. “Ah, essas notificações vão ficar aparecendo aqui? O que eu faço gente? Eu quero desativar as notificações, mas não sei como fazer isso. Ahh, deixa. Vamos lá”, diz Teresa Cristina com um certo ar de apreensão em seus primeiros minutos numa *live*, ao menos para um público expandido, em que busca uma posição mais confortável perante a tela. Assim, também buscando uma forma de deixar Dona Hilda como a protagonista da tarde, esse sim seu principal objetivo, Teresa aciona dispositivos subjetivos ao se ver e busca ações práticas para começar a dominar e se acostumar com a plataforma e com o seu público.

É curioso observar que, a partir de então, algo começou a vir à tona na autoimagem midiática da cantora nas plataformas das redes sociais. Pouco adepta às redes sociais e com pouca divulgação do seu próprio rosto e da sua beleza, Teresa Cristina,

¹² A *live* de estreia foi transmitida no dia 12 de abril de 2020 e pode ser acessada no canal oficial da cantora (LIVE TERESA..., 2020, on-line). Já a música de Roberto Carlos também pode ser acessada no YouTube (GAL COSTA..., 2012, on-line).



mesmo ciente da sua negritude, ainda tateava as plataformas sociais no recente ano de 2020.

Segundo dados levantados pelos pesquisadores Victor Pires e Jeder Janotti Jr (2021), nos primeiros meses de pandemia, por volta do mês de julho de 2020, Teresa Cristina já tinha ultrapassado a barreira dos 325 mil seguidores. Antes do período de isolamento social devido à COVID-19, seu número não chegava à casa dos 100 mil, ou seja, mais do que triplicou. Agora, nos primeiros meses de 2022, visualizei novo acréscimo nos seus números, alcançando 455 mil. Podemos deduzir então que a “escuta conexa” existente a partir de Teresa Cristina a mantém com crescimento estável e regular, em parte explicado também pelo seu espraiamento em outras mídias, por exemplo, com o Botequim da Teresa no UOL.¹³ O seu crescimento orgânico e estável também foi constatado nas *lives* para o YouTube. Também pelos dados da dupla de pesquisadores: “A primeira *live* patrocinada pela Original conta com cerca 282 mil visualizações, enquanto a segunda registra aproximadamente 122 mil visualizações” (PIRES; JANOTTI JR, 2021, p. 18). Passado mais de um ano dessas apresentações, visualizei 300 mil e 135 mil visualizações respectivamente. Nada explosivo, é verdade, porém, com crescimento sustentável e semelhante nas duas *lives*.

Teresa Cristina tinha e tem consciência da sua negritude, do racismo institucional e estrutural que, por consequência estruturava também as relações sociais. Ela não só nos apresenta seus/suas convidados/as, muito empenhados e conscientes da luta antirracista, como também ainda presenciamos relatos confessionais de situações vexatórias atribuídas ao racismo.¹⁴ Enfim, não é difícil detectar seus vários gradientes do “ser negro/a” em inúmeras circunstâncias.

Em um desses relatos numa *live*, ouvimos o seu desejo de ser protagonista de alguma campanha de produtos para pele.¹⁵ De posse dessa informação, seu produtor procurou uma determinada marca, que alegou impossibilidade de patrocínio por questões

¹³ O programa *Botequim da Teresa* iniciou em 26 de março de 2021, com programas semanais coproduzidos pela Nossa, MOv, plataforma de vídeos do UOL. A segunda temporada do programa está disponível e com lançamentos semanais.

¹⁴ Em 28 de junho, dia do orgulho LGBTQIA+ o ator Luis Lobianco participa da *live*, após uma tocante participação do cantor Caetano Veloso. Neste momento do vídeo, a cantora Teresa Cristina faz um depoimento marcante e sentido sobre as exclusões causadas pelo racismo (TERESA CRISTINA..., 2020, on-line).

¹⁵ Um trecho da *live* do Instagram contendo o relato encontra-se no YouTube (TERESA CRISTINA..., 2020, on-line).



financeiras. No entanto, essa mesma marca procuraria uma outra artista – branca – logo em seguida para uma campanha. Ficou subtendido assim, após negativas e desculpas inconsistentes, que a recusa inicial ao patrocínio não significava questões financeiras, e sim teria conotações racistas. Teresa Cristina foi demarcada pelo recorte racial para ser, consequentemente, obliterada de ter acesso a um projeto de marketing. Ser uma mulher negra em um país racista como o Brasil era algo consolidado para Teresa Cristina, que, inserida no meio musical e com exposição midiática, tinha plena consciência do seu lugar e das opressões vividas pela sua condição de mulher negra.¹⁶

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 2021, p. 115).

Se recorrermos a Neusa Santos Souza (2021), podemos ver essa autopercepção da cantora carioca no campo de uma certa organização de “identidade negra” – isso, porque, para a autora, “nascer com pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide” (SOUZA, 2021, p. 115) não é suficiente para essa organização de autoconhecimento. No entanto, como podemos observar anteriormente, Teresa Cristina apresenta-se plenamente consciente sua condição de mulher negra. Ela já tinha se tornado negra, como nos diz Neusa Souza.

Durante o II Seminário Som e Música, abordei parte desse “tornar-se negra” de Teresa Cristina.¹⁷ Foi também uma das primeiras reflexões do impacto que as *lives* de Teresa Cristina conseguiram aguçar em mim. Não era para menos, a forte presença articulada do rosto, do design de cabelos, bijuterias e do canto negro de Teresa Cristina acabou por se constituir como uma potente assinatura da escuta conexa de suas músicas nas *lives* do Instagram. Com o poder de demonstrar como é possível pensar as mediações de raça e gênero ambientadas através dos microssistemas das mídias de conectividade.

O próprio desenrolar das *lives* da cantora no Instagram ressonou em seus lugares de pertença, intensificando e potencializando suas territorialidades. Sobre sua rotina

¹⁶ Na sua entrevista ao programa *Roda Viva*, Teresa Cristina detalha quando se deu conta do racismo sofrido ainda na sua infância (RODA VIVA..., 2021, on-line).

¹⁷ Apresentamos parte dessas reflexões em evento realizado pelo GP “Comunicação, Música e Entretenimento”, realizado nos dias 8, 15 e 22 de junho de 2021 e transmitido pelo canal da UFRB no YouTube.



noturna na rede social, a cantora diz: “Percebi que a melhor parte do meu dia era essa, é um lugar de acolhimento e afago, onde esqueço da Covid e dos desmandos políticos do país” (GOBBI, 2020, on-line).

TORNANDO-SE NEGRA/O

O verbo “tornar”, em um dos seus inúmeros significados na nossa língua aponta, segundo o Aurélio, para o estado de “Alterar, modificar ou passar a possuir uma nova condição” (TORNAR, [202-], on-line). É algo que passa a ser, altera-se e caminha para um outro estado. Nesse sentido, intelectuais da envergadura de Neusa Santos Souza (2021) e Grada Kilomba (2019) empregam esse verbo para designar o processo de enfrentamento ao racismo, tanto no Brasil, onde é mascarado pelo factoide da democracia racial, quanto na Europa, onde é constituído no processo de desumanização e escravização.

Assim como destacamos anteriormente, em umas das passagens mais conhecidas da sua obra, Neusa Santos Souza diz que “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (2021, p. 115). Parafraseando Simone de Beauvoir (2020), com o “não se nasce mulher, torna-se”, a perspectiva da psiquiatra e psicanalista brasileira é de uma tomada de consciência do seu lugar racializado negro/a como condição para enfrentar a violência do racismo.

Em seu livro, Neusa Souza (2021) toma vários exemplos retirados do seu divã com pacientes que dialogam com esse devir negro, como uma espécie de reinvenção de corporeidades e de demolição de mitos. Numa dessas falas, surge “Luísa”, mulher negra e médica. Ela se encaixa no perfil procurado por Neusa Santos para a sua pesquisa, ou seja, pessoas negras em ascensão social e financeira. Luísa, nesse caso, não difere muito da expectativa inicial da pessoa negra em um país racista. Buscava se diferenciar para se fazer existir e, entre várias coisas em sua vida, tinha o sonho de fazer medicina, diz ela. “Eu tinha que escolher a carreira mais nobre, o vestibular mais difícil, a carreira que teria contato com gente, fazer o bem. Pensei em Assistente Social – a coisa da religião –, mas não era tão nobre como a medicina” (2021, p. 96).

Ao final do relato de Luísa, a psicanalista Neusa Santos destaca as ações iconoclastas da sua paciente. Em uma de suas últimas falas no livro, Luísa revê seu lugar



de mulher negra hipersexualizada, situação essa que a ajuda a tomar “consciência de suas contradições e tenta participar da luta política que busca transformar a história e sua história” (SOUZA, 2021, p. 97). Ou seja, acaba por “tornar-se negra” quando se depara com seu relacionamento com Vitor – um homem negro que tem a maioria das suas relações afetivo-amorosas com mulheres negras. “Se eu sou esse veneno que queria ser, teria que ser porque sou Luísa, independente de ser negra [...] talvez o medo de transar com crioulo seja por medo de ver que essa coisa não existe” (2021, p. 97).

Um outro exemplo desse agenciamento de desvelamento em camadas do autoconhecimento da negritude também podemos observar no texto de Geysa Anne Souza Silva e Jacqueline da Silva Costa (2021).

Mesmo sendo de uma família negra, vivendo em um território negro, não tínhamos referências ou conversas sobre nossa identidade racial, por exemplo. Algo que pudesse me fortalecer dentro e fora do espaço escolar. Lembro-me que nesse período, além de não me dar conta da minha identidade negra, na sala de aula sempre fui inquieta, faladeira e briguenta, ao ponto de tentarem me anexar o perfil “sem futuro”. (...) O fato de ser faladeira, agitada, não queria dizer nada em relação ao meu interesse pelos estudos. Somente hoje entendo que a escola queria que eu usasse uma máscara da menina silenciada, a máscara do bom comportamento (SILVA; COSTA, 2021).

Podemos observar na narrativa memorialística de Geysa Silva a violência em cima de corpos de negros/as e de mulheres. Relato similar foi explicitado anteriormente por Teresa Cristina no período escolar, onde as instituições de ensino buscam controlar e impor uma certa gramática corporal calcada no racismo. No texto das autoras acima mencionado há uma descoberta em ser negra, onde também visualizamos parte de seu processo contínuo de “torna-se negra”.

Já Grada Kilomba (2019, p. 28), na introdução de sua obra, coloca o verbo “tornar” na ordem da subversão do subjugo colonial ao se propor a escrever e, automaticamente, se fazer a narradora de sua própria realidade – “a autora e autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou”. A teórica e artista portuguesa também pontua que o conceito de “tornar-se” é utilizado pelos “Estudos Culturais e Pós-Coloniais para elaborar a relação entre o eu e a/o Outra/o” (2019, p. 28).

De posse do mesmo entendimento do verbo “tornar”, apontado anteriormente como “possuir uma nova condição”, algo se dá com Teresa Cristina durante o mês de maio de 2021, portanto, em pouco mais de um ano se apresentando diariamente, sem



cessar, com as *lives* no Instagram. Vemos que ela se torna uma outra pessoa, especialmente quando nos referimos à desenvoltura e intimidade com a plataforma. Ela “tornou-se” a “rainha das *lives*”. E mais: acabou por se tornar também mais negra, como explicaremos melhor a seguir:

Apoiada nos dispositivos midiáticos, e, ao mesmo tempo se vendo e se assistindo diariamente de maneira simultânea, como em um espelho, Teresa Cristina, suas *lives* e suas posturas ultrapassam olhares residuais e não se limitam a uma visão de apenas uma “resistência”. A ontologia negra proporciona nestes casos a possibilidade de visualizarmos uma re-existência, uma alacridade, como bem nomeou Muniz Sodré (2017), uma outra forma de existir, que até então era encoberta por uma camada densa e turva.

Teresa Cristina realiza assim uma reescrita, para se inscrever no lugar que lhe é devido, o lugar que o racismo ocultou para ela. Isto é, com a ajuda do “espelho” do celular durante suas *lives* no Instagram, num processo de autoescuta fractal, ela foi elevada por uma reescrita de si – em um processo no qual o Narciso saiu de cena, e surge Oxum. Uma perspectiva distinta do afogar-se narcísico (representado por um homem grego e branco), e mais próxima de uma autoapreciação da sua imagem (mulher e negra), potencializando assim a dissolução de energias externas negativas, operando uma *gira* em relação à invisibilidade das questões de raça usualmente perpetradas nesta ambiência comunicacional. Teresa Cristina “torna-se negra” também nas plataformas *online* durante o período da pandemia. Como ela mesma diz, hoje ela “é orgulhosamente uma sem-vergonha”²³

Essa travessia existencial e potente de Teresa Cristina deve-se, entre outros movimentos, ao ato da escuta. Ao criar ritualisticamente encontros virtuais durante suas *lives* no Instagram, acabou-se por criar também uma esfera pública virtual onde pessoas, majoritariamente negras, dialogavam com Teresa Cristina e, fundamentalmente, a escutavam. A sensação de ser escutada trazia e traz aconchego e pertencimento. Ao analisar a dialética da fala e da escuta, Grada Kilomba (2019, p. 42) diz que “Ouvir é o ato de autorização em direção à/ao falante!”, e somente se pode falar quando se pode ser ouvido.

Enfim, se podemos observar como se configura a perspectiva racializada de Teresa Cristina e, conseqüentemente, como são acionados os agenciamentos pertinentes ao “tornar-se negro”, como nos diz Neusa Santos Souza (2021), será que podemos afirmar



que Teresa Cristina “tornou-se negra” também nas redes sociais? No próximo tópico abordaremos um outro momento da cantora carioca nas suas *lives* e o desvelar de outras complexas camadas da sua negritude.

“NÃO SOU TÍMIDA”

O desenvolvimento desse texto deve-se também às provocações instauradas pelo trabalho de Isildinha Baptista Nogueira (2021), autora de *A Cor do Inconsciente*. Se a luta de libertação da pessoa negra passa obrigatoriamente pela desconstrução dos estereótipos negativos que foram incutidos por uma ideologia racista, entendemos que o “tornar-se negro” pode e deve ser um agenciamento contínuo e infindo; não há uma virada de chave. Diante da alienação da pessoa negra imersa em processos raciais constituídos de auto-ódio, é preciso desvincular-se das conotações ideológicas racistas para instituir sua própria libertação. Ou seja, para “tornar-se negro”, é preciso que haja processos constantes de desvelamentos dessas complexas camadas que nos constituem.

Uma dessas densas camadas é a mesma alienação da pessoa negra, a qual já tinha sido abordada por outros e outras autoras/es. Jurandir Freire, por exemplo nos provoca e aponta reflexões importantes no prefácio do livro de Isildinha Nogueira (2021). Segundo ele, quando Frantz Fanon escreveu *Peles negras, máscaras brancas*, ele tinha realizado uma alusão ao processo de alienação, no entanto, a psiquiatra brasileira vai além: “Isildinha nos convida é a de como tirar essas máscaras brancas se não temos acesso ao ateliê do artista que as fabricou, ateliê onde foi configurada a psique de negro na imagem da brancura que ele gostaria de incorporar para se libertar totalmente” (FREIRE, 2021, p. 24).

Ao acompanhar a entrevista da cantora carioca e apresentadora Teresa Cristina no Roda Viva, da TV Cultura, uma frase específica chamou a atenção para esse processo de continuidade de desalienação da pessoa negra. Ela afirmou que demorou “50 anos para saber que essa pessoa tímida não sou eu” (RODA VIVA..., 2021, on-line).

Acabei por me questionar como Teresa Cristina, ciente da sua negritude, desalienada da ideologia racista, autoafirmativa, militante, atuante e, ainda por cima, um vetor de discussões políticas e raciais nas redes durante a pandemia, permanecia encoberta pelo racismo. Por que ela, mesmo subindo aos palcos, dando entrevistas a veículos de



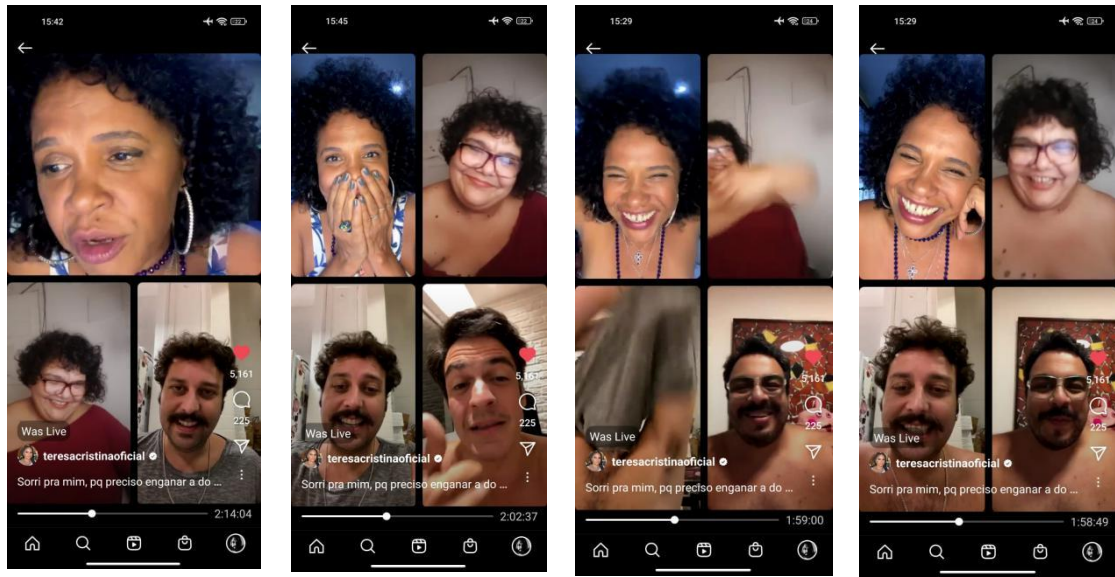
comunicação e sendo a “rainha das *lives*”, ainda tinha borradas as fronteiras da timidez e da opressão que o racismo impõe? Como ela, que já tinha se “tornado negra” há uns anos, permanecia com essa alienação? Seria, de fato, uma alienação?

Analisando sua frase e pensando a partir das suas performances nas *lives* no Instagram, temos a constatação de que, ao se ver no espelho do seu celular e ter um público fidelizado para se fazer ouvir, suas expressões, segurança e expansividade foram para um outro patamar.

Vejam, por exemplo, o segundo momento ímpar em suas *lives*, citado anteriormente. “FACHO DE ESPERANÇA” - Sorri pra mim, pq preciso enganar a dor. Uma *live* de e sobre AMOR <3” (TERESA CRISTINA, 2021, on-line) foi uma epifania de afetos. Como ela foi ao ar no dia 7 de maio de 2021, já estava dentro da nova possibilidade da plataforma de compor a tela com quatro pessoas simultaneamente.¹⁸ Assim, passando boa parte do seu tempo com quatro telas ativas e, entre várias saídas e várias entradas de pessoas distintas, o encontro virtual teve impressionantes 3h40min de duração. Numa dessas idas e vindas, o ator Mateus Solano, depois de comentar no *chat* uma performance, atende aos pedidos das/os outras/os participantes - Simone Mazzer, Teresa Cristina e o ator Pedro, e entra na *live*. Ele entra por volta de 2h3min do final da *live*, fala um pouco e começa a cantar à capela a canção “Preciso aprender a só ser”, de Gilberto Gil. Solano surge sem camisa, leve e sorridente, e ainda brinca com as variações de tons característicos das composições de Gilberto Gil.

¹⁸ G1. Instagram lança recurso 'Salas ao Vivo' que permite 4 pessoas transmitindo em live. G1, [on-line], 1 mar. 2021. Disponível em: <[tinyurl.com/yckkyeed](https://www.g1.com.br/instagram-lanca-recurso-salas-ao-vivo-que-permite-4-pessoas-transmitindo-em-live/2021/03/01/)>. Acesso em: 9 maio 2022.

Figura 2 – Live Facho de Esperança



Fonte: Instagram (Teresa Cristina, 2021, on-line).

“Estou passada no ferro de Iansã. E ainda por cima, nu”. Comenta Teresa Cristina, e alguns segundos depois entra na *live*, o ator Luis Lobianco. Todas as quatro integrantes da *live* – Teresa Cristina, Simone Mazzer, Luis Lobianco e Pedro Monteiro, são unânimes em afirmar que a presença de Mateus Solano acabou por seduzi-los/as. Assim, mergulhadas na temática da noite e incentivadas pela iniciativa do ator Luis Lobianco, as demais participantes da *live* tiram a camisa (Figura 3). “Que bom estar nua aqui com vocês”, brada Teresa Cristina.

Para além de uma brincadeira ao vivo nas redes sociais, as ações das personalidades que participaram da *live* apontam para várias posturas. Podemos enumerar desde um amplo domínio da ferramenta com controle de entradas e saídas de pessoas, quebra de roteiros, letras de canções escolhidas, acompanhamento simultâneo de boa parte dos comentários e interação com o público – incluindo o próprio Mateus Solano – até a impressionante desenvoltura de Teresa Cristina. Aquela pessoa tímida, de cabeça baixa, assim como se classificou a cantora carioca, deu espaço para uma outra mulher. Assim, além da “alacridade”, característica de Teresa Cristina, localizamos o “axé” como potência e um devir constante do “tornar-se negra”.

Acredito que ela vá além nesse processo psíquico de libertação. “Se o que constitui o sujeito é o olhar do outro, como fica o negro que se confronta com o olhar do outro que mostra reconhecer nele o significado que a pele negra traz como significante?”, pergunta



Isildinha Baptista Nogueira (2021, p. 120). Essa mesma pergunta é tomada por outro prisma a partir das vozes e da autoridade de ser ouvida de Teresa Cristina. Ela consegue desalienar-se do estigma que habitava o seu inconsciente, alimentado por anos de uma cultura racista.

É muito estranho. Eu percebi em mim que essa coisa de começar a cantar muito tímida e olhar para baixo, com uma vergonha. É uma vergonha que o racismo construiu em mim, pois eu era muito sem-vergonha. Imitava Fafá de Belém na frente da turma, jogando os ombros para trás. Mas as pessoas começaram a me atacar e eu fui me fechando [...] eu perdi muito tempo da minha vida com uma timidez que não era minha, sabe? Eu esperei passar meus 50 anos para dizer: não sou essa pessoa fechada, não sou para dentro, sou para fora. Não quero que minha filha leve 50 anos para acordar para isso. Quero não (RODA VIVA..., 2021, on-line).

Essa percepção de Teresa Cristina a nos apresentar como a existência dela foi diretamente afetada pelo racismo nos materializa o quanto “tornar-se negro/a”, ainda é complexo, dada a introjeção de olhares e comportamentos impactados pelo racismo. A noção do impacto negativo do racismo na sua performance dialoga diretamente com Frantz Fanon (2018, p. 82) no artigo “Racismo e cultura”, quando afirma o quanto o racismo “nunca é um elemento acrescentado descoberto ao sabor de uma investigação no seio dos dados culturais de um grupo. A constelação social, o conjunto cultural, são profundamente remodelados pela existência do racismo”. Quando questionada no Roda Viva sobre seus aprendizados durante as *lives*, ou melhor, qual aprendizado de si mesmo, Teresa Cristina, com sua peculiar sinceridade desnuda, disse:

Aprendi. A primeira coisa que aprendi é que tenho valor. Que eu tenho inteligência e que minha voz tem algum alcance. Foi um exercício muito... no início tinha uma vergonha muito grande, porque eu cresci fugindo um pouco do espelho. Nunca demorei muito no espelho. Essa coisa de ficar olhando muito no espelho. Porque minha infância muita gente fazia questão de dizer que eu não era bonita. [...]

Quando eu comecei a fazer a *live*. Você pergunta o que eu conheci. Enxergar minha beleza, mesmo que alguém diga “você hoje está bonita”, mas durante minha infância e adolescência era uma coisa verbal e não verbal de que minha beleza não era beleza e que não era bonita e que eu não atraía as pessoas. Aí eu fiquei muito tempo me olhando, porque para fazer as *lives* eu me vejo e me achar bonita é uma conquista que ninguém vai tirar de mim, não espero nenhum homem chegar para mim e falar que sou bonita. Não espero. Não espero mais. Aprendi isso com a *live*, gente. Comecei a aprender isso com o Candeia, que me mostrou uma beleza que eu não sabia que tinha. Aí nas *lives* comecei a me enfeitar, me maquie como se fosse para um show. Até perfume eu passo para ir para as *lives*. (RODA VIVA..., 2021, on-line).



Enfim, sob esses afro-olhares podemos visualizar o quanto o verbo “tornar” precisa ser conjugado no plural ao buscarmos a libertação da alienação do racismo. Tornar-se negro/a é um processo, um devir infindo para romper as marcas invisíveis do racismo que habitam e, de certa forma, moldam nossas percepções.

CONSIDERAÇÕES

Observamos o quão complexo e intenso é o processo no qual o racismo agencia nossos comportamentos. Uma pequenina parte desse emaranhado é perceptível com as aparições e posicionamentos de Teresa Cristina, após iniciar suas *lives* no Instagram.

Tateando nos primeiros dias e buscando ambientar-se à plataforma, Teresa Cristina travou uma dupla batalha. Uma com a própria plataforma em busca de conhecer suas potências, suas limitações e suas capilaridades, incluindo o bate-papo. Assim ela começou, diferentemente de boa parte das *lives* de outros/a artistas no período de maior distanciamento social, a marcar sua própria assinatura ao utilizar do canto à capela, presente na gramática do samba e uma ampla interatividade com seu público.

O outro campo enfrentado pela cantora foi o de se ver de uma outra forma. Até então, sua “timidez” era percebida como algo intrínseco a sua personalidade, no entanto, o desenvolver das atividades no Instagram a fez se enxergar de outras maneiras. Desse modo, hoje ela tem ciência da sua beleza e afirma, como citamos anteriormente: “me achar bonita é uma conquista que ninguém vai tirar de mim”.

Essa importante vitória por parte de Teresa Cristina tem entre outros fatores, como o suporte gerado nas corporeidades. Ela se via, mas também dialogava com outras pessoas negras – formando uma espécie de “aquilombamento”, nos termos de Abdias Nascimento (2019). Compor essa teia forneceu uma territorialidade e um campo de conforto propício para desfazer as suas pseudobarreiras da “timidez”.

Assim, aliando a corporeidade acionada pelas *lives* de Teresa Cristina, devemos destacar a força e o impacto do “ato da escuta”. Ser escutada pela sua audiência, potencializada pela corporeidade presente, implica afirmar automaticamente o direito e a autoridade de fala. Então, mesmo sob forte tensão capitaneada por uma pandemia e um por governo federal destruidor de vidas e da cultura, a sua fala teve um papel catártico nesse processo.



No entanto, ela foi além. Teresa Cristina acabou por potencializar a sua visibilidade midiática e proporcionou outras formas de inscrição de mundos. Seja pela estética do canto à capela nas redes sociais, pelos seus posicionamentos sociopolíticos enquanto mulher negra, ou seja, pela sua autodescoberta do rompimento do racismo atrelado ao seu comportamento nas redes sociais.

Esse movimento foi contínuo e retroalimentado. As *lives* de Teresa Cristina, acionadas pela *Arkhé* e pela autoridade da fala e da escuta, desvelaram outras camadas do tornar-se negra e a complexificaram.

Por fim, digo que minha relação com as redes sociais, após acompanhar o processo de Teresa Cristina, também me instigou a olhar para meu próprio espelho em busca de desvelar outras camadas escondidas, para me tornar (mais) negro.

Ao mesmo tempo em que o espelho de Oxum serviu para ela enxergar a sua própria beleza, esse desvelar da cantora carioca trouxe-me pelas *lives* a alacridade e o axé que habitam Teresa Cristina. Que ela continue no seu embate por um mundo mais justo e em busca de um novo humanismo, no qual as pautas identitárias não sejam isoladas e que possamos dialogar de maneira holística, priorizando sempre a empatia e a alacridade.

REFERÊNCIAS

A QUARENTENA das lives, 2020, 1 áudio (35 min). *Spotify*, [on-line], jun. 2020. Publicado pelo podcast Novo Normal. Disponível em: <tinyurl.com/ek4ccyts>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

COSTA, Jurandir Freire. Do corpo ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 23-44.

FANON, Frantz. Racismo e cultura. *Revista Convergência Crítica*, Niterói, n. 13, p. 78-90, 2018.

GAL COSTA - Jovens Tardes de Domingo (Com Roberto Carlos) - Duetto, 2012, 1 vídeo (3 min). YouTube, [on-line], 1 nov. 2012. Publicado pelo canal *Canal Plural*. Disponível em: <youtu.be/7JMCKbpMmvE>. Acesso em: 9 maio 2020.

GOBBI, Nelson. 'Cristiners': Lives de Teresa Cristina reúnem anônimos e famosos na madrugada. *O Globo*, [on-line], 19 abr. 2020. Cultura. Disponível em: <tinyurl.com/3keb2cnv>. Acesso em: 12 maio 2022.



GUIMARÃES, Laura; FURTADO, Lucianna. As lives de Teresa Cristina e a sociabilidade. In: TEIXEIRA, Nísio; VIANNA, Graziela Mello (org.). *Sororidades e sonoridades: femininos e(m) músicas*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021. p. 275-294.

GUMES, Nadja Vladi et al. Os sons que ecoam em tempos de pandemia. In: PRATA, Nair; JACONI, Sônia; NASCIMENTO, Genio (Org.). *Desafios da comunicação em tempo de pandemia: um mundo e muitas vozes*. São Paulo: Intercom, 2020. p. 193-212.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIVE TERESA Cristina - Jovens Lives de Domingo - 12/04, 2020, 1 vídeo (71 min). *YouTube*, [on-line], 12 abr. 2020. Publicado pelo canal Teresa Cristina. Disponível em: <youtu.be/ToFy20igsV0>. Acesso em: 12 out. 2020.

JANOTTI JR, Jeder; QUEIROZ, Tobias. Deixa a gira girar: as lives de Teresa Cristina em tempos de escuta conexa. *Galáxia*, São Paulo, v. 46, p. 1-17, 2021.

MENA, Fernanda. “Rainha das lives”, Teresa Cristina fala de música no Ao Vivo em Casa, às 17h. Folha de S. Paulo, [on-line], 31 jul. 2020. *Ilustrada*. Disponível em: <tinyurl.com/y2ckt3mg>. Acesso em: 19 ago. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

PIRES, Vitor; JANOTTI JUNIOR, Jeder. “Alive online”: a ecologia das lives musicais no YouTube em tempos de pandemia. *E-Compós*, E-Compós, Brasília, [ahead of print], p. 1-26], 2021.

RODA VIVA | Teresa Cristina | 22/02/2021, 2021, 1 vídeo (92 min). *YouTube*, [on-line], 22 fev. 2021. Publicado pelo canal *Roda Viva*. Disponível em: <youtu.be/YBemdKjn59E>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SILVA, Geysse Anne Souza da; COSTA, Jacqueline da Silva. SE SOU, PRECISO DIZER POR QUE SOU: A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER PRETA, MILITANTE E COTISTA. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 13, n. Ed. Especi, p. 94-111, out. 2021. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1306>>. Acesso em: 17 jan. 2023.



SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

TERESA CRISTINA (@teresacristinaoficial). [Perfil]. *Instagram*, [online], [202-]. Disponível em: <[tinyurl.com/y4psw6pg](https://www.tinyurl.com/y4psw6pg)>. Acesso em: 25 jun. 2020.

TERESA CRISTINA (@teresacristinaoficial). FACHO DE ESPERANÇA [...]. *Instagram*, [online], 7 maio 2021. Disponível em: <[tinyurl.com/45psfa3x](https://www.tinyurl.com/45psfa3x)>. Acesso em: 16 maio 2020.

TORNAR. In: *Dicionário Online de Português*. Dicio, [on-line], [202-]. Disponível em: <[tinyurl.com/bjmsfz55](https://www.tinyurl.com/bjmsfz55)>. Acesso em: 14 maio 2022.

VAN DIJCK, José. *The culture of connectivity: a critical history of social media*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2013.